

**Universidade de Brasília
Faculdade de Comunicação
Departamento de Audiovisual e Publicidade**

ATLÉTICO CLUBE SERIDÓ

Curta-Metragem

Felippe Delangelo Martins Gatto – 08/29285
André Oliveira Dias – 08/24500
Vitor Vieira – 09/16684

Brasília

Setembro 2012

**Universidade de Brasília
Faculdade de Comunicação
Departamento de Audiovisual e Publicidade**

ATLÉTICO CLUBE SERIDÓ

Curta-Metragem

Felippe Delangelo Martins Gatto – 08/29285

André Oliveira Dias – 08/24500

Vitor Vieira – 09/16684

Curta-Metragem apresentado como
requisito para obtenção do grau de
Bacharel no curso de Comunicação Social
habilitação Audiovisual pela Faculdade de
Comunicação da Universidade de Brasília.

Orientador: Professor Mauro Giuntini

Brasília

Setembro 2012

Universidade de Brasília
Faculdade de Comunicação Social
Departamento de Audiovisual e Publicidade

Felippe Delangelo Martins Gatto – 08/29285
André Oliveira Dias – 08/24500
Vitor Vieira – 09/16684

Projeto Experimental aprovado em ____/____/____ para obtenção do grau de Bacharel em Comunicação Social habilitação Audiovisual.

BANCA EXAMINADORA:

Mauro Giuntini

Érika Bauer

Gustavo de Castro

“Futebol é paixão mesmo. Tem jeito não.”
Izaías da Silva

SUMÁRIO

RESUMO	06
INTRODUÇÃO	07
PROBLEMA DE PESQUISA	09
JUSTIFICATIVA	11
OBJETIVOS	13
REFERENCIAL TEÓRICO	14
METODOLOGIA	19
CONCLUSÕES	22
REFERÊNCIAS	23
ANEXOS	26

RESUMO

Atlético Clube Seridó é um projeto de curta-metragem de ficção, mais especificamente um falso documentário, com duração de 11 minutos. A narrativa tem como temática o futebol e a paixão dos torcedores pelo seu time.

O curta-metragem foi realizado como uma produção universitária de baixo orçamento. A equipe foi composta inteiramente por alunos e ex-alunos do curso de Comunicação Social, tanto Audiovisual como Publicidade, da Universidade de Brasília. Desde o início, a equipe se propôs a buscar o maior número de parcerias para que o curta pudesse existir. Nesse sentido, firmamos um apoio com a Pupila Audiovisual, a empresa-júnior de audiovisual da UnB, para compor a equipe. Também houve patrocínios com a empresas da cidade, tal como Casa30 Produções, Machado Filmes e EWE Sport's,

PALAVRAS-CHAVE: cinema, curta-metragem, cinema universitário, futebol, produção de baixo orçamento.

INTRODUÇÃO

Atlético Clube Seridó é um curta-metragem de 11 minutos sobre torcedores de futebol. Esse filme trata de um time que somente após 64 anos de fundação consegue seu primeiro título. Devido a esse longo jejum, apenas os velhinhos da cidade ainda torcem pela equipe. São esses os apaixonados personagens desse falso documentário.

A equipe é formada por alunos de Audiovisual da Universidade de Brasília. A equipe já trabalhou junta no curta *Meu Amigo, Meu Avô*, concorrente na Mostra Brasília do 44º Festival de Brasília do Cinema Brasileiro, na Mostra Infantil do 16º Festival Brasileiro de Cinema Universitário e na 12º Mostra do Filme Livre. Fritz Delangelo estréia na direção, assim como assina o roteiro e a direção de fotografia. A produção fica a cargo de Akira Martins e Renan Montenegro e a edição por conta de Mindu Dias. Vitor Fubu é o estreante no grupo. Vindo da Publicidade, é o responsável pela direção de arte.

Perdidos em cada parte desse Brasil, cada um com seu time do coração, são os torcedores uma das grandes atrações do esporte nacional. Alguns torcem para os grandes times, outros para os pequenos. Uma paixão diferente, mais próxima, mais íntima. Ainda assim, são poucos os filmes que tratam desses personagens tão necessários para o futebol. Esse filme é uma forma de dar vida a esses torcedores na filmografia nacional.

A proposta do filme é contribuir com a filmografia nacional de futebol, que ainda é incipiente. Apesar de ser uma ficção, o roteiro busca pequenas histórias do esporte para criar a trajetória de um time do interior do Brasil, com uma torcida apaixonada, que é praticamente desconhecida do grande público. O formato de

documentário é uma forma de experimentação. Quão verossímil pode ser essa história para aqueles que não entendem de futebol? E para aqueles que sim, conhecem? A intenção é que naqueles 11 minutos de projeção os espectadores se percam na história e acreditem nesse time, nesses personagens.

PROBLEMA DE PESQUISA

O roteiro de Atlético Clube Seridó foi escrito em Julho de 2010. Ele foi escrito primeiramente para atender as necessidades da matéria Oficina de Argumento e Roteiro, ministrada pelo professor Mauro Giuntini. À época, a ideia é que o curta fosse utilizado no Bloco 2, o semestre prático do curso de Audiovisual. Acabou não escolhido.

Naquele primeiro semestre de 2010, pensei em vários temas que poderiam compor um roteiro, desde o roubo de uma mala até pessoas que sonhassem juntas, até que aos 45 do segundo tempo, o futebol entrou em campo.

Durante uma viagem a João Pessoa, visitando o Centro de Artesanato me deparei com uma loja que vendia quadrinhos de futebol. Cada um de um time. Eles tinham vários de clubes famosos, Corinthians, Flamengo, Bahia, Sport mas também tinham vários clubes paraibanos, um estado que até então eu conhecia pouco o futebol. Nunca consegui me decidir por qual time paraibano eu torceria se um dia, eu vivesse no estado. Sempre gostei do Treze mas, ainda naquela viagem, acabei comprando a camisa do Campinense, seu grande rival.

Me pus a ler todos os quadros de times paraibanos e entre o Atlético Cajazeirense de Desportos e o Nacional Atlético Clube, acabei escolhendo o primeiro. O motivo era simples, a fundação era de 1948, 13 anos antes do Nacional, portanto deveria ter mais velhinhos nas arquibancadas. Foi esse o meu pensamento.

Comecei a desenvolver essa ideia de idosos nas arquibancadas, até chegar ao produto final, o roteiro de Atlético Clube Seridó. Com todas suas especificidades: seria um falso documentário, a torcida seria composta inteiramente de idosos, o time teria que

ser campeão pela primeira vez (seria esse o mote do porquê a feitura do documentário) e toda a história do Seridó. Resolvi não entrevistar jogadores e me ater aos torcedores e um presidente, que também é um torcedor, e um torcedor que também é um ex-craque e filho do fundador.

São esses os personagens:

José - Filho do fundador do Seridó, José é um verdadeiro apaixonado pelo time. Foi capitão do time nos anos 50 e desde então nunca abandonou o time. Foi de maqueiro a presidente. Hoje é apenas torcedor mas o torcedor-símbolo do Seridó.

Chico - Faz o tipo carrancudo. Gosta de reclamar de tudo, acha que tudo tá errado. Não consegue entender os mais jovens e essa mania de torcer pros times da capital.

Teodoro - Pacato. Além do Seridó, gosta mesmo é de um cigarro de palha, uma cervejinha e de contar história. É um dos mais saudosos dos velhos tempos.

Maurício - Atual presidente do clube, se sente muito honrado de ter finalmente conquistado o título pro Seridó. Se porta como um político, conhece e cumprimenta todos na cidade, sempre com muitos sorrisos.

JUSTIFICATIVA

O grande desejo desta equipe é trazer ao cinema um filme sobre futebol de qualidade e que consiga captar a paixão que o povo brasileiro tem com este esporte, adorado por muitos. Nestes últimos dois anos, algumas produções futebolísticas surgiram, trazendo jogadores e torcedores para falar sobre o clube de seu coração, como é o caso dos filmes Bahêa Minha Vida e Santos: 100 anos de futebol arte. Com a Copa do Mundo cada vez mais perto, temos a ideia de que este produto possa incentivar outros realizadores do audiovisual a filmarem mais produções sobre o futebol.

Estima-se que, somente na primeira divisão do Campeonato Brasileiro, anualmente, quase 10 milhões de pessoas vão a um estádio de futebol. São mais de 700 times em atividade no Brasil. Cerca de 30 milhões de praticantes do esporte no país entre profissionais e amadores, aproximadamente 16% da população nacional. Evidencia-se que a paixão pelo futebol no país é imensa. E uma paixão dessa grandeza necessita de uma filmografia maior. A indústria norte americana produz todos os anos inúmeros filmes sobre seus esportes mais populares, como basquete, beisebol, hóquei e futebol americano. Porém, no Brasil, os nossos filmes sobre futebol ainda são escassos. Queremos trazer nosso incentivo a mais produções sobre este assunto.

Queremos também colocar como protagonista os torcedores. A paixão de cada um deles é que faz o futebol ser o que é hoje. Alguns torcem por times de maior escalão nacional, outros torcem por times menores, o que traz uma relação mais íntima e próxima. É o caso do personagem José, que já foi um dos melhores jogadores do Seridó, presidente do clube e, ainda assim, assiste aos jogos do lado da fanática torcida, junto com os outros idosos. Eles não se importam de terem uma torcida pequena, eles se

importam em ver o seu time do coração jogar, vibrar com cada conquista e sofrer com cada derrota. Mostra-se que eles não são diferentes de nenhum outro que ama o seu time. Aqui temos times de menor porte em escala nacional, o que nos dá uma dimensão do amor dos poucos torcedores que algumas das agremiações daqui têm. O Gama, um dos times mais tradicionais e que chegou a jogar na primeira divisão do Campeonato Brasileiro, possui uma torcida fanática, que acompanha os jogos sempre e que leva sua paixão como poucos.

Além disso, queremos um filme que difunda a competência do cinema brasiliense, que cresce cada vez mais no cenário nacional, utilizando meios como os festivais de cinema, a TV, programas esportivos, entre outros.

OBJETIVOS

Produzir em 2012 um filme que experimente a linguagem do “falso-documentário”, abordando o tema que é paixão nacional: o futebol.

Fomentar e capacitar o mercado audiovisual do Distrito Federal, integrando à equipe estudantes formandos do curso de Comunicação Social – Audiovisual da Universidade de Brasília.

Difundir a competência cinematográfica do Distrito Federal através da exibição em festivais nacionais e internacionais de cinema, canais de TV, internet, escolas, universidades, cineclubes, eventos de apreciação ao cinema e à arte, programas de esporte e em tantos outros meios de veiculação possíveis.

Realizar um filme de qualidade narrativa e estética sobre futebol, um tema tão presente na vida dos brasileiros, mas que ainda não teve muitas representações dignas no cinema nacional.

REFERENCIAL TEÓRICO

Este filme é um “falso-documentário”. O que isso quer dizer?

Um falso documentário traz todos os elementos estéticos de um documentário comum, como as entrevistas com os personagens, imagens que ilustram o assunto discutido, a simplicidade da câmera em trazer o real para a tela. Porém, no falso-documentário, a história é uma criação do diretor, não é factível. Segundo Matheus Barbosa Emérito em sua tese de mestrado *O falso documentário*, “O falso documentário torna-se palco para as discussões contemporâneas do gênero documentário. Permite questionar a prática, o ethos e a ética no gênero. Assim, aos poucos, ocupa lugar dentre os mais interessantes modos de representação do ‘real’ ou do próprio documentário.”¹

O grande desafio é fazer um filme que seja crível, que as pessoas possam assistir e irem procurar na internet ou em livros o que era o Atlético Clube Seridó. Onde estão os jogadores? Onde pode-se encontrar o presidente para fazer perguntas sobre os anos dourados do time? Queremos instigar a curiosidade do espectador, fazê-lo acreditar que o que está sendo relatado pelos personagens realmente existiu. “Fazem-se vídeos por que se quer conhecer determinada ocorrência, lugar, grupo social.”². Esses torcedores existem em algum lugar, a forma que achamos pra contar a história deles foi esse curta-metragem.

Dessa maneira, precisamos entender o gênero documentário antes de partir para a realização do que seria um falso documentário. Estudando a obra de Bill Nichols,

¹ EMÉRITO, Matheus Barbosa. *O falso documentário*. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. 2008. p. 13.

² WAINER, Júlio. *Idéia, imagens e sons: Caminhos para a estruturação de um documentário*. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. 2010. p. 50.

Introdução ao documentário, percebemos que a obra que queríamos compor tinha características tanto do modo observacional de se fazer documentário como do modo participativo.

Segundo Bill Nichols, o modo observativo é o que “ênfatiza o engajamento direto no cotidiano das pessoas que representam o tema do cineasta, conforme são observadas por uma câmera discreta.”³ O modo participativo, por sua vez, é o que “ênfatiza a interação de cineasta e tema. A filmagem acontece em entrevistas ou outros formas de envolvimento ainda mais direto”⁴.

O modo mais óbvio dentro do curta que realizamos é o do modo participativo. Nós queríamos que a história fosse contada por seus próprios personagens através de uma hipotética entrevista. Foi dessa maneira que os atores, todos eles sem ou quase nenhuma experiência prévia de atuação, foram trabalhados. No filme, todas as falas são respondidas a uma pergunta, que por questões de narrativa, não entraram no corte final do filme. “Muitos documentários se resolvem apenas pelo arranjo de entrevistas, são os chamados talking heads”⁵. Era claramente essa a nossa direção. A história pra ser contada não precisava de nada mais que seus próprios personagens a contando. Mesmo sendo esse um modelo banalizado por alguns estudiosos como Jean-Claude Bernadet que diz que “a entrevista virou cacoete”⁶ e que “os cineastas tratam seus entrevistados de modo fetichista e sacralizado, sem estabelecer real diálogo”⁷

Já o modo observativo se dá nas imagens de cobertura, principalmente durante o estádio, quando deixamos os atores e figurantes a vontade para torcerem para aquele

^{3,4} NICHOLS, Bill. *Introdução ao documentário*. Papyrus Editora. 2001. p. 62.

⁵ PUCCINI, Sérgio. *Roteiro de documentário: Da pré-produção à pós-produção*. Papyrus Editora. 2009. p. 42

^{6,7} LINS, Consuelo; MESQUITA, Cláudia. *Filmar o real: Sobre o documentário brasileiro contemporâneo*. Zahar. 2008. p. 30.

time que estava representando o Seridó durante as filmagens. “Essa estratégia de captar o personagem em atividade serve para criar uma maior dinâmica visual no filme, quebrando o monopólio do enquadramento de entrevista padrão (câmera fixa em plano médio ou primeiro plano) ao inserir uma maior variedade de composições visuais no documentário (planos, enquadramentos)”.⁸

Algumas poucas falas que constaram do corte final do curta também se enquadram no modo observativo. Depoimentos verdadeiros não encenados acabam confundindo quem é o ator e quem é o personagem. “Não interessa a verdade do que se diz, mas a expressão do momento, aquilo que só ocorre ali, em situação de filmagem”⁹. Os atores podem não ser verdadeiros torcedores do Seridó mas comentando sobre suas próprias experiências, eles se tornam os próprios personagens.

Nas reflexões sobre o tema futebol, fugimos um pouco da pesquisa acadêmica e enveredamos por textos literários e experiências próprias. Uma grande referência foi o livro *Cabeça de Futebol*, organizado por Gustavo de Castro, Samarone Lima e Carlos Magno Araújo. Um dos textos, *Bola de Meia*, de Daniel Piza, até comenta essa intelectualização do futebol: “A dinâmica do futebol é muito interessante, por que é rica. Não vou chamar de ‘linguagem do futebol’ porque acho que isso leva a outro equívoco, o de intelectualizar demais o esporte e seus significados – equívoco que tem virado moda em certos ambientes universitários. A maioria dos intelectuais, claro, esnoba o futebol; diz que é perda de tempo acompanhá-lo e, mais ainda, refletir sobre ele, porque ele não tem importância alguma. No mínimo, poderiam respeitar grande

⁸ PUCCINI, Sérgio. *Roteiro de documentário: Da pré-produção à pós-produção*. Papirus Editora. 2009. p. 44

⁹ PUCCINI, Sérgio. *Roteiro de documentário: Da pré-produção à pós-produção*. Papirus Editora. 2009. p. 43

parcela da humanidade que gosta dele, o mais popular e internacional dos esportes”¹⁰. Somos parte desse grupo que tanto aprecia esse esporte.

Nossas referências foram todas seguindo essa linha, de frases espontâneas como a citação que abre essa memória, “Futebol é paixão. Tem jeito não.” do Seu Izaías, o ator que interpreta José no curta, a parágrafos como “Nada pode ser mais gratificante e generoso do que acender o brilho nos olhos de um menino, do que trazer o coração de milhares de pessoas à boca ou emudecer uma geração inteira de alegria!”¹¹. Essa é a parte do futebol que queríamos transpor pra tela.

Todos nós temos referências diretas ao futebol. Alguns mais, outros menos. Existe todo o tipo de torcedor. “Ele atura os trens apinhados e a arquibancada com um calor sufocante para assistir a seu time pessoalmente ou prefere ficar em casa, tranquilamente, ouvindo a transmissão pelo rádio? (...) Acompanha vagamente os times locais ou conhece os nomes dos jogadores e times de todo o Brasil, além dos times de outros países?”¹² Alguns têm uma história de como ele começou a torcer pro seu time, ou a história daquele drible desconcertante, o golão no jogo que não valia nada, ou o golão na decisão contra o maior rival. E estamos sempre presentes. “Quando termina a partida, o torcedor, que não saiu da arquibancada, celebra sua vitória, que goleada fizemos, que surra a gente deu neles, ou chora sua derrota, nos roubaram outra vez, juiz ladrão.”¹³ Todas essas histórias existem e precisam ser contadas. Fazem parte da nossa

¹⁰ PIZA, Daniel. *Bola de Meia*. IN: ARAÚJO, Carlos Magno; LIMA, Samarone; CASTRO, Gustavo de (orgs). *Cabeça de Futebol*. Casa das Musas. 2009. p. 54

¹¹ CASTRO, Gustavo de. *Souza Futebol Clube*. IN: ARAÚJO, Carlos Magno; LIMA, Samarone; CASTRO, Gustavo de (orgs). *Cabeça de Futebol*. Casa das Musas. 2009. p. 97

¹² LEVER, Janet. *A Loucura do Futebol*. Record. 1983. p. 138

¹³ GALEANO, Eduardo. *Futebol Ao Sol E À Sombra*. L&PM. 1995. p. 7

construção e de quem hoje somos. “A nossa vida particular pode ser contada através da experiência coletiva desse jogo maravilhoso.”¹⁴

¹⁴ ORICCHIO, Luiz Zanin. *Futebol*. IN: ARAÚJO, Carlos Magno; LIMA, Samarone; CASTRO, Gustavo de (orgs). *Cabeça de Futebol*. Casa das Musas. 2009. p. 90

METODOLOGIA

Atlético Clube Seridó é um falso documentário, ou seja, uma ficção que se utiliza dos elementos do documentário para contar sua história. Sendo assim, a estética será basicamente a de um documentário. O principal elemento de narrativa serão os depoimentos em primeira pessoa, em que os personagens falam diretamente à camera. Nas cenas de cobertura, a câmera na mão será o método mais utilizado. Em relação a iluminação, a intenção é usar ao máximo as possibilidades de luz natural que as locações oferecerem. Sérgio Puccini no seu livro Roteiro de documentário: Da pré-produção à pós-produção já comenta isso: “Mapear e fazer um cuidadoso estudo das locações pode ser útil para prevenir possíveis imprevistos ou problemas técnicos relacionados à iluminação. (...) É conveniente estudar a iluminação dos locais de filmagem, a incidência de luz natural e as fontes de eletricidade, caso haja necessidade de luz artificial.”¹⁵

Usando do fato de já termos um roteiro, as composições foram pensadas ao máximo para que houvesse uma grande variedade de planos. Mesmo assim, não houve uma decupagem anterior às gravações. Pela estética ser de um documentário, chegamos a um consenso de que os planos deveriam ser *in loco*.

A direção de arte tem um papel predominante nesse sentido. Não deixar o que é visto na tela monótono ao espectador. Não cair na tentação de limitar o que está na tela, ou ser leviano, por se tratar de uma estética de documentário. O grande desafio era, não apenas criar um time que fictício, mas todo o universo que ele está envolvido sem causar dúvidas de sua existência. Foi realizada uma grande pesquisa tanto em grandes

¹⁵ PUCCINI, Sérgio. *Roteiro de documentário: Da pré-produção à pós-produção*. Papirus Editora. 2009. p. 34

como pequenos clubes de várias partes do Brasil, focando principalmente no Norte e Nordeste, procurando características comuns e marcantes de tudo em que eles estão inseridos: seus torcedores, jogadores, dirigentes, estádios, uniformes, patrocinadores, entre tantas outras. O passo seguinte foi criar toda a história do Seridó graficamente, mesmo sabendo que a maioria dos elementos nem entrariam no filme, mas serviriam para termos uma base não somente imaginativa, mas visual e palpável do que viria a ser pensado a seguir. Quando a arte que seria vista no filme foi criada, tivemos a cautela de não exagerarmos muito nos elementos que cercariam as cenas pois o Seridó é um time simples do interior, com uma torcida relativamente pequena e sem um departamento de marketing que invista em sua boa imagem. Focamos mais em pequenos detalhes que misturam a cultura nordestina com o futebol, compondo o ambiente sem tirar a atenção dos personagens e seus depoimentos e tentando ser o mais fiel possível à realidade. As cores azul e branco são predominantes em quase todos os objetos e figurinos, porém sem deixar que o filme fique nesses tons frios, já que o mesmo é passado no Nordeste e conta uma história alegre e quente, tendo também o cuidado de não usar a cor vermelha, qual seria a tonalidade do time rival. Essas várias minúcias podem até não ser percebidas separadamente, mas quando vistas dentro dessa atmosfera toda, criam a sensação de que foram filmadas em lugares reais.

Cada personagem será tratado de acordo com sua função no decorrer da história e suas próprias características. A busca por esses atores foi feita uma maneira pouco usual. Procuramos torcedores que se encaixassem nesses perfis, pessoas que não são atores mas que realmente compõem esses estereótipos. Apaixonados por futebol para que a homenagem aos torcedores desse esporte seja a mais sincera possível.

A edição, neste caso, tem um trabalho fundamental. Deve-se manter a naturalidade dos discursos de cada um dos personagens. Foca-se no rosto e nas

expressões de cada torcedor, buscando trazer a emoção que eles sentem ao falar de um time que não existe. Buscar um sentimento neles que eles tenham pelos times que torcem de verdade. As imagens de cada foto, cada jogo, também são importantes. Essa mescla entre a fala do personagem e imagens que remetem ao time traz uma maior verossimilhança a história. Se pecássemos na maneira de filmar, na maneira de dirigir os atores, o filme não seria mais um falso-documentário, mas sim, uma obra de ficção sobre futebol. A ideia é vender a realidade, vender a emoção de cada ator, para que o trabalho possa ter os resultados que esperamos. Após as filmagens, percebemos que algumas falas de certos personagens soaram um pouco falsas e forçadas. Desta forma fizemos cortes mais rápidos do que previstos no roteiro para eliminar esses problemas. As imagens de preenchimento são uma parte muito importante para a montagem, pois, se focássemos somente nos personagens falando a história, sem preenchermos essas falas com algumas imagens, o filme ficaria arrastado e até monótono para os espectadores. Percebemos também que fazer cortes muito rápidos poderia acabar com a estética documentarista que havíamos proposto desde o começo. Por isso, deixamos a transição entre as cenas da forma mais suave possível, tentando extrair o máximo da atuação de cada participante. Também deixamos a trilha sonora do filme ficar por conta dos sons ambientes e dos gritos da torcida. Somente no final colocamos o hino do clube, produzido por Thiago Pinho, para dar uma maior verossimilhança a existência deste time.

O filme foi filmado nos arredores de Brasília, em busca de uma estética que remetesse ao interior do Nordeste brasileiro. As locações incluíram as regiões administrativas de Núcleo Bandeirante e de Planaltina. A pré-produção se deu nos meses de Março a Maio. As gravações ocorreram no final de Maio e início de Junho. A edição foi até o mês de Setembro.

CONCLUSÕES

Ao final desse longo processo que engloba toda a concepção de um filme, podemos dizer que existem muitas conclusões a serem tiradas e levadas a diante. Pois, apesar de se tratar de algo tão exaustivo, física e intelectualmente, esse trabalho foi uma experiência indescritível de aprendizado profundo.

Para todos nós que estamos formando com esse curta, esse foi o grande projeto de 2012 e de toda nossa vida acadêmica. É o desfecho de um longo caminho em que pudemos colocar em prática tudo que foi aprendido dentro e fora de sala de aula.

Uma lição muito importante aprendida com este trabalho foi a importância da organização, tanto das idéias quanto da divisão de tarefas para que todo o trabalho pudesse ser concluído no tempo estabelecido. Devido à falta de experiência em projetos audiovisuais o começo do trabalho foi difícil. Estabelecemos prazos e fizemos um cronograma para que não nos perdêssemos nas várias etapas do projeto e também para não perdermos o foco.

Durante todo o processo, desde a pré-produção até a finalização fomos acometidos por alguns imprevistos, chegamos até a pensar que não seria possível concluí-lo devido a falta de tempo, mas são nessas horas de aperto que rendemos mais, viramos noites, passamos horas sentados na frente do computador e no fim tudo deu certo.

Tornou-se claro para todos que é, sim, possível realizar filmes de baixo orçamento com qualidade quando se dispõe de uma equipe interessada e criativa. Um filme não é apenas do diretor e sim de toda uma equipe que precisa estar unida para fazer cinema, que é a nossa grande paixão.

REFERÊNCIAS

Bibliografia

ARAÚJO, Carlos Magno; LIMA, Samarone; CASTRO, Gustavo de (orgs). Cabeça de Futebol. Editora Casa das Musas. 2009.

CARVALHO, Mayra Moreyra Carvalho. Além das linhas do campo e dos versos do poema: investigações sobre o futebol-arte. Universidade de Brasília. 2006.

DOC, Comparato. Da criação ao roteiro. São Paulo: Rocco, 1999

EMÉRITO, Matheus Barbosa. O falso documentário. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. 2008.

GALEANO, Eduardo. Futebol Ao Sol E À Sombra. L&PM. 1995.

GERBASE, Carlos. Cinema: Direção de Atores. Artes e Ofícios. 2003.

LASZLO, Andrew. Every Frame A Rembrandt. Art And Practice Of Cinematography. Focal Press. 2000.

LEVER, Janet. A Loucura do Futebol. Record. 1983.

LINS, Consuelo; MESQUITA, Cláudia. Filmar o real: Sobre o documentário brasileiro contemporâneo. Zahar. 2008.

LUMET, Sidney. Fazendo Filmes. Rocco. 1995.

MÁRQUEZ, Gabriel García. Como contar um conto. Casa Jorge Editorial. 1997.

MURCH, Walter. Num Piscar de Olhos. Zahar. 2001.

NICHOLS, Bill. Introdução ao documentário. Papyrus Editora. 2001.

PUCCINI, Sérgio. Roteiro de documentário: Da pré-produção à pós-produção. Papyrus Editora. 2009.

SALDANHA, João. Futebol e outras histórias. MPM Editora. 1988.

VALENTINETTI, Claudio M., O cinema segundo Eduardo Coutinho. M. Farani Editora. 2003.

WAINER, Júlio. Idéia, imagens e sons: Caminhos para a estruturação de um documentário. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. 2010.

Filmografia

BARRETO, Bruno. O Casamento de Romeu e Julieta.

CANNON, Danny. Gol!

CAVALCANTE, Márcio. Bahêa Minha Vida.

CHAMIE, Lina. Santos, 100 anos de futebol arte.

CUÁRON, Carlos. Rudo Y Cursi.

EVANS, David. Febre de Bola.

FONSECA, José Henrique. Heleno.

GIORGETTI, Ugo. Boleiros – Era Uma Vez O Futebol.

GÓMEZ, Roger; RESINES, Dani. L'equip petit.

HOOPER, Tom. The Damned United.

KUSTURICA, Emir. Maradona.

LOACH, Ken. À Procura de Eric.

NADER, Carlos. Soberano.

OLIVARES, Gerardo. A Grande Final.

PASQUINI, Andrea. Fiel.

SOUZA, Beto. Inacreditável – A Batalha dos Aflitos

WOOD, Andrés. Historias de fútbol.

ANEXOS

A- Roteiro

Atlético Clube Seridó

By

Fritz Delangelo

(61) 8112-4268
delangelof@gmail.com

1 EXT. PRAÇA

José, um idoso de cerca de 70 anos, está vestido com a camisa do time, está em pé em frente à sede do Seridó. Fala para a câmera:

JOSÉ

Meu nome é José Honório Neto e eu tenho orgulho de ser torcedor do Atlético Clube Seridó.

2 EXT. ESTÁDIO

O Seridó está jogando no Honorião, estádio da cidade. Primeiro, aparecem imagens do jogo com o som da torcida ao fundo. A torcida aparece em seguida, ela é composta por cerca de 30 velhinhos apenas. Eles cantam, torcem e levam bandeiras. Entra o título do filme.

3 INT. SALA DA CASA DE JOSÉ

José está sentado na sala de sua casa. É possível perceber as paredes decoradas com objetos que remetem ao Seridó. Ele fala pra câmera:

JOSÉ

O Seridó pra gente é tudo. Quase todo mundo aqui torce pro time desde que ele foi fundado. Era tudo menino. Te digo, viu. Não tinha um time que entrava aqui no Honorião e não tremia nas bases. Mas o tempo passou, o povo parou de torcer. Só sobrou os velhinhos. Mas ô rapaz, não há amor que segure a gente. Ainda mais agora que a gente é campeão.

CORTA PARA:

Imagens de jornal noticiando o fato do Seridó finalmente ser campeão.

4 INT. SEDE

O presidente, 50 anos, faz um tipo galã, mostra a taça do título. Faz o gesto clássico de levantar em cima da cabeça.

5 EXT. PRAÇA

O presidente anda pela praça, cumprimenta várias pessoas, como um político.

6 INT. SALA DO PRESIDENTE

Agora ele está sentado em sua sala na sede do clube. Fala para a câmera:

PRESIDENTE

Pra mim, é uma grande honra ser o presidente dessa agremiação justamente nesse momento de extrema glória. A gente colhe os frutos de um trabalho bem feito. Já são 5 anos que eu trabalho duro pra que esse time dê certo. Finalmente fomos campeões. Escrevi meu nome na história.

7 INT. SALA DA CASA DE JOSÉ

JOSÉ

Nossa, eu achei que ia ter um troço. Desde menino que eu torço e aí, campeão. Campeão! Vê se pode. Teve gente parando no hospital depois de tanta festa. Todo mundo aposentado, foi farra a semana inteira. Os velhinhos aqui nem se aguentavam em pé. Eu me emociono até agora.

8 EXT. PRAÇA

Teodoro, tem cerca de 60 anos, está sentando na praça pública da cidade.

TEODORO

Foi bonito demais. A gente já bateu na trave tantas vezes mas campeão é a primeira vez. Aquele gol tá aqui na minha memória pra sempre.

9 EXT. QUINTAL DA CASA DE CHICO

Chico, cerca de 60 anos, faz um tipo rabugento, está no quintal de sua casa enquanto é entrevistado.

CHICO

A gente já tinha ganhado dos homens lá na capital. Daí, a gente só precisava do empate pra ser campeão.

10 EXT. PRAÇA

TEODORO

Eu não vou mentir, não. O jogo foi feio. A gente torce, é apaixonado mas foi feio o jogo. Deus do céu. O Seridó só dava chutão pra frente. Dá-lhe chutão. Dá-lhe chutão. Se eles não fizessem gol, a gente era campeão. Era assim mesmo que tinha que ser.

11 INT. SALA DO PRESIDENTE

PRESIDENTE

Já tava bem nos 35 do segundo tempo quando aconteceu.

12 EXT. QUINTAL DA CASA DE CHICO

CHICO

Pênalti sem vergonha. Como o cara se joga daquele jeito? É um ator! Como que o juiz marca um pênalti daquele? Quase entrei no campo pra bater naquele vagabundo. Não foi pênalti não! Hômi, mas eu xinguei.

13 INT. SALA DA CASA DE JOSÉ

JOSÉ

Eu tinha certeza que a gente ia ser campeão. No dia eu acordei sabendo que ia ser campeão. Sonhei com isso. Mas eu tremi, viu? Só tinha mais 10 minutos e a gente precisava do gol.

14 EXT. PRAÇA

TEODORO
E continuou feio o jogo. Não tinha
jeito. Feio demais. E o tempo
passando, passando. E cadê o gol?

15 INT. SALA DO PRESIDENTE

PRESIDENTE
45 minutos. Escanteio. Até o
goleiro foi pra área.

16 INT. SALA DA CASA DE JOSÉ

JOSÉ
GOOOOOOOOOOOOOLLLLLL!

José levanta, pula, grita, esquece que está sendo
entrevistado, e aí volta, senta de novo.

JOSÉ
Nossa. O mundo parou naquela hora.
Logo o Crispim fez o gol.

17 EXT. QUINTAL DA CASA DE CHICO

CHICO
Crispim? Ruim demais. Que isso. Só
batia cabeça com os zagueiros.

DOCUMENTARISTA (OFF)
(interrompendo) Mas fez o gol do
título.

CHICO
Ah, a partir daí, não há dez Pelé
que dê um Crispim. Melhor
centroavante que já pisou nessa
terra.

18 EXT. ESTÁDIO

Detalhe da tela de TV. A bola é levantada na área. Crispim
sobe sozinho e cabeceia pro fundo do gol. Narrador ao fundo.

19 EXT. ARQUIBANCADA

Os 30 velhinhos pulam, se abraçam.

20 EXT. ARQUIBANCADA

José está sentado na arquibancada com o jogo acontecendo enquanto é entrevistado. Fala para a câmera.

JOSÉ
Agora, todo mundo endurece pra gente. Olha lá, olha lá.

Câmera focaliza o campo, é falta do time adversário, a falta vai pra fora, José solta um ufa, a câmera volta. José continua olhando pro campo e fala:

JOSÉ
Ainda bem que são tudo perna de pau. Vamo ganhar Azulão!

Ele assiste por mais alguns segundos a partida e volta a olhar para a câmera.

JOSÉ
Antes, com a história do tri-vice, o povo só caçoava da gente.

21 EXT. QUINTAL DA CASA DE CHICO

CHICO
O que não gosto de falar é daquele time tri-vice. Como que um time é vice três anos seguidos? Uma vai, duas eu até agüento, mas três? Tudo bando de cação. Fosse eu o técnico, dava era um jeito naquele bando de moleque sem vergonha.

22 INT. SALA DO PRESIDENTE

PRESIDENTE
A história do tri-vice é complicada. Veja bem. O Seridó nos anos 80 tava mal das pernas, foi rebaixado e tudo. Aí no começo dos anos 90, voltou e montou um time bom. Bom, bonito e barato, sabe? Dava gosto de ver. Chegou na final.

- 23 INT. SALA DA CASA DE JOSÉ
- JOSÉ
Aí perdeu.
- 24 INT. SALA DO PRESIDENTE
- PRESIDENTE
No outro ano, venderam todo mundo. Sabe como é, né? A maioria foi pra capital mas o Osny, esse era craque mesmo, foi pro sul. Pena que não vingou. Aí o Seridó montou outro time que, vou te dizer, não era bom não. O técnico continuou o saudoso Dias, que Deus o tenha. Só que o time foi indo, foi indo, foi indo. Acabou que chegou na final de novo.
- 25 EXT. PRAÇA
- TEODORO
Perdeu.
- 26 INT. SALA DO PRESIDENTE
- PRESIDENTE
No terceiro ano, o time continuou o mesmo. Deu certo uma vez. Por que não duas? Até trouxeram o Osny de volta. E o Dias lá, pulso firme, major do exército. Começou mal o campeonato mas se recuperou, se recuperou com o campeonato quase acabando. Chegou na final.
- 27 EXT. QUINTAL DA CASA DE CHICO
- CHICO
Perdeu. (com raiva) Bando de cagão sem vergonha.
- 28 INT. SALA DA CASA DE JOSÉ
- José mostra fotos do time na época de 60, mostra uma taça, fala que foi campeão lá no sul, medalha, uniforme antigo, brasão, a sala é toda decorada com objetos que remetem ao Seridó.

29 INT. SALA DA CASA DE JOSÉ

JOSÉ

De onde começou essa paixão?
Valha-me deus. Pois o senhor não
sabe que quem fundou esse time foi
meu pai, José Honório Filho? Eu
tinha 7 anos. Isso foi a 64 anos
atrás. Eu me lembro bem. O estádio
é Honorião por causa de meu pai.
(insert: placa com o nome do
estádio) Sabe? Eu joguei no Seridó.
Isso nos idos de 50, 60. Fui tudo
aqui. Técnico, roupeiro,
massagista, presidente, gandula,
tudo que você quiser. Hoje eu só
torço. Mas torço mesmo.

30 INT. SALA DO PRESIDENTE

PRESIDENTE

O senhor acredita que ele já quase
me bateu? Disse que eu roubava
dinheiro, que eu não contratava
jogador bom, que tinha que dar
chance pros meninos daqui.

31 INT. SALA DA CASA DE JOSÉ

JOSÉ

Na época que eu presidente, era
tudo preto no branco. Não tinha
conversinha não.

DOCUMENTARISTA (OFF)

E por que não é mais?

JOSÉ

Ah, já tô velho né rapaz. Não dá
não. Mas o Maurício faz um bom
trabalho. Vou ter que admitir. Já
briguei muito com ele mas agora que
ele foi campeão, eu parei um
pouquinho. Mas ele sabe que eu tô
sempre de olho.

32 INT. SALA DO PRESIDENTE

PRESIDENTE

É bonito demais ver o José torcendo. Isso que é amor. É só ver ele na arquibancada, aqui na sede, incentivando os velhinhos. Ele me inspirou a ajudar o Seridó. De um homem como esse, a gente não pode esquecer jamais.

33 EXT. BAR

Algumas imagens de Teodoro e Chico sentados no bar. Eles tomam uma cerveja enquanto a equipe prepara a filmagem. O documentarista chega a sentar e tomar uma cerveja com eles. Corta para entrevista de Teodoro e Chico. Eles falam para a câmera.

TEODORO

Aqui, nós, os velhinhos, a gente gosta muito do time, sabe? Vai lá em todos os jogos, torce mesmo mas o José não tem jeito. Parece que ele não vive sem o time. É Seridó pra cá, Seridó pra lá. Já fez de tudo aqui. Até presidente já foi. Sabe disso? Mas foi na época do tri-vice. Ele fica injuriado quando comentam isso com ele. Ele fica possesso. (ri um pouquinho) Não é Chico?

CHICO

Não gosta mesmo não. Eu se fosse você nem comentava isso com ele.

34 INT. SALA DA CASA DE JOSÉ

DOCUMENTARISTA (OFF)

Quer dizer que o senhor era o presidente na época do tri-vice?

JOSÉ

(contrariado)
Rapaz, vamo falar sobre isso não.

35 EXT. BAR

TEODORO
Mas na época que ele jogou no
Seridó, o time era bom, viu? E o
José lá. Capitão.

36 EXT. ARQUIBANCADA

JOSÉ
Naquela época, eu era jogador. Era
uma beleza de time. A gente não
perdia nunca. Até excursão ao sul a
gente fez.

37 EXT. BAR

CHICO
José era ponta-esquerda, capitão,
um líder mesmo. Jogou como poucos e
honrou nossa camisa. É um exemplo
mesmo pra todo mundo. Não é que nem
esses jogadores de hoje em dia que
só querem saber de dinheiro.

38 INT. SALA DO PRESIDENTE

PRESIDENTE
Os anos imbatíveis foram na década
de 60. Aquilo sim era time. Isso
quem conta é meu pai. Eu era bebê
de colo.

39 EXT. BAR

TEODORO
Foi daí que surgiu o nome de Azulão
Imbatível. Bonito demais. Azulão
Imbatível.

40 EXT. ARQUIBANCADA

JOSÉ
No sul, a gente não perdeu uma
partida sequer. Ganhamos desses
times todos. Pena que a gente não
jogou com o Santos. Aí sim eu
queria ver. Pena que não tem imagem
desses jogos, só algumas fotos.

41 INT. SALA DA CASA DE JOSÉ

José mostra algumas fotos daquela época, aponta para uma pessoa na foto e comenta.

JOSÉ
Olha aqui eu, novinho.

Aponta para outra pessoa.

JOSÉ
Esse era o Bitá, jogava muito. Olha o goleiro aqui, como era mesmo o nome?

José hesita, pensa um pouco e fala de sopetão:

JOSÉ
Naldo! Eita que a velhice chega.

42 EXT. BAR

TEODORO
O apelido é por causa dessa excursão mesmo. O povo aqui do estado morria de medo do Seridó mas a gente não conseguia ganhar o campeonato, sempre batia na trave. Acabou que esqueceram do apelido e com o tempo o Seridó virou o time dos velhinhos. Eu tenho muito orgulho mas eu queria que os meninos torcessem também.

43 EXT. QUINTAL DA CASA DE CHICO

CHICO
Esses meninos daqui não querem saber do Seridó, não. É tudo Corinthians, Vasco, Flamengo, esses times não servem de nada. Olha esse aí.

Aponta pro neto Thiaguinho, a câmera focaliza o menino.

CHICO
Torce pra não sei que time do sul. Por que, hein, menino?

(CONTINUA...)

TIAGUINHO

Ah, vô. O seridó não joga nunca, é só no comecinho do ano. O Corinthians joga sempre! E o Seridó não ganha nada.

CHICO

A gente ganhou, menino! A gente ganhou!

TIAGUINHO

Esse campeonato ruim tinha mais é que ganhar mesmo.

CHICO

Você não sabe a história que tem esse campeonato!

TIAGUINHO

Que história o quê? É sempre os da capital que ganham. Não sei pra que torcer pra esse Seridó.

CHICO

Olha só, vê se tem jeito esses meninos de hoje em dia, vê se tem jeito? Não aguento.

Chico levanta, dá um tapa na cabeça do menino e sai.

44 EXT. ARQUIBANCADA

JOSÉ

A gente na final ano passado e só os velhinhos na arquibancada. Que nem aqui agora. Esses meninos não sabem o que é amor.

A torcida grita uuuhhh, José se distrai de novo com o jogo, a câmera começa a percorrer a arquibancada, os velhinhos não se importam com sua presença, estão todos torcendo, vidrados no jogo, de repente é gol, eles vibram ainda mais.

45 INT. SALA DA CASA DE JOSÉ

JOSÉ

Olha, não tem nada que eu gosto mais nesse mundo que o Seridó.